



CARLOS ACABADO, PILOTO-AVIADOR: "A GUERRA [ULTRAMAR] ESTAVA GANHA, NÃO TENHO A MENOR DÚVIDA"

19 abr 2018



Isabel Tavares

Esta é a história de Carlos Acabado, um alentejano otimista. Dos anos da Guerra do Ultramar ao mais recente livro que ainda está a escrever: "A Grande Viagem de Maumude". "A guerra é um fenómeno muito esquisito, é uma coisa estúpida. Mas vemos além da guerra, sabemos o que sentem os nossos inimigos. No momento em que a guerra acabou ficou tudo bem, penso que isto só aconteceu com o povo português", afirma.

Tem das histórias mais surpreendentes vividas na Guerra do Ultramar para onde foi como piloto-aviador. Como a do capitão que, na neblina, matou por engano a mãe de uma criança bosquímano à frente da filha, Kinda, que decidiu trazer para Portugal e perfilhar. Dormiu na cama ao lado de Iko Carreira, que viria a ser ministro da Defesa de Angola entre 1975 e 1980, a quem poupou a vida mais do que uma vez, e era amigo de Daniel Chipenda, que conheceu em Coimbra e a guerra colocou em campos opostos.

De regresso a Portugal foi secretário-geral do Conselho da Revolução em representação da Força Aérea, tendo a seu cargo o pessoal. Foi aí que se deparou com "uma

monumentalidade a dar para o esquisito", como os conselheiros revolucionários a andarem nos carros "roubados" aos banqueiros fascistas. E foi também então que conheceu Cavaco Silva, um homem de quem guarda uma péssima imagem.

Pedi para passar à reserva aos 40 e poucos anos, quando a tropa já não lhe dizia nada e no momento em percebeu que os jogos políticos falavam mais alto. Mas ainda voltou a África, ao Congo, depois de ter feito sociedade com um bispo luterano que conheceu em Sevilha: comprou duas traineiras em Setúbal, a Portugal e a Setubalense, e levou-as para pescar no Lago Tanganica. Ouro sobre azul. A empresa desfez-se nos anos noventa, mas as traineiras ainda lá estão hoje, activas.

Aos 83 anos continua a escrever a sua história e as histórias daqueles que, no céu e na terra, fizeram parte da sua vida: de "Kinda e Outras Histórias de uma Guerra Esquecida" a "Margem Esquerda", passando por "Histórias de uma Bala Só – Acasos de Vida e de Morte" até "Conversas com um Gorila Chamado Virunga", contos para crianças e não só. Enquanto termina o próximo livro, "A Grande Viagem de Maumude", é a vez de o **SAPO24** traçar o retrato de Carlos Acabado, um alentejano optimista.

A história de Kinda, que dá origem a um dos seus livros, é fantástica. Quer contar como aconteceu?

Passa-se com um capitão meu amigo, que já morreu. Ele ia numa missão de ataque e foi lançado de helicóptero. Em Angola, como em África em geral, arrefece muito à noite e forma-se uma neblina que se estende para as margens. Ele subiu a encosta e, de repente, vê o que julga ser um vulto com uma arma e, instintivamente, atira. Era uma mulher com um pau de bater fuba, um pilão. Matou-a. Ela estava com uma criança e a miúda correu para ele a chorar... Ela tinha família, mas ele quis ficar com a pequena; trouxe-a para Portugal, perfilhou-a e educou-a como aos restantes filhos.

Onde pára Kinda?

Penso que neste momento está em África, no Lubango, antiga Sá da Bandeira. Este capitão morreu com um ataque cardíaco e não sei o que é feito da mulher, perdi o contacto com eles. Depois da guerra iamo-nos encontrando e a última vez que o vi foi em Coimbra, estava ele exactamente na queima das fitas da Kinda - a quem mudou o nome para Maria Adelaide. Fizemos uma grande festa, recordámos toda aquela cena... A miúda, que era bosquímano, geralmente mulheres esbeltas e com os olhos achinesados, fez-se uma bonita rapariga. Ele morreu passado pouco tempo, nunca souberam do livro. A mãe, se for viva, deverá ter uns 81 ou 82 anos. A Maria Adelaide deverá andar entre os 50 e os 55 anos.



créditos: Pedro Marques | MadreMedia

É possível viver em paz na guerra?

É. É difícil, mas... A guerra é um fenómeno muito esquisito, é uma coisa estúpida. Mas vemos além da guerra, sabemos o que sentem os nossos inimigos. No momento em que a guerra acabou ficou tudo bem, penso que isto só aconteceu com o povo português. Há uma relação até de amizade com alguns inimigos. Eu, por exemplo, era amigo do Daniel Chipenda, que tinha conhecido em Coimbra.

Como é que o conheceu?

Esse é outro episódio da minha vida. A Força Aérea resolveu mandar para junto do meio universitário uma espécie de caixeiros-viajantes com o objectivo de recrutar pessoal. O chefe do Estado-Maior chamou-me e disse: "Você vai para Coimbra com ajudas de custo permanentes [que naquele tempo era dinheiro, qualquer coisa como 200 escudos por dia, além do ordenado e gasolina], hospeda-se no Hotel Astória e vai representar a Força Aérea e fazer publicidade da Força Aérea". E lá fui com dois aviões e um sargento piloto coimbrão (morreu num acidente); comecei com aquela história e acabei na República dos Paxás, na ladeira do seminário [risos]. Integrei-me de tal maneira que quando casei aquela malta foi toda ao meu casamento. Na viagem de núpcias passei por Coimbra e fui tomar um café ao Nicola, que era onde nos juntávamos à noite. Vem

o criado, vira-se para a minha mulher e pergunta: "A senhora namora este senhor?" "Namoro não, casámos!", diz ela. E ele responde: "A senhora teve uma pouca sorte terrível". Ela, coitada, nem queria acreditar. Tive de explicar: "Ó senhor Martins, olhe que a minha mulher não é de Coimbra, é de Lisboa". Mas ele insistia, e ela aflita...

E foi na República dos Paxás que conheceu Chipenda, estudante de Coimbra e titular da Académica?

Foi. Depois eu fui para um lado e ele para outro. A seguir à guerra juntámo-nos outra vez e falámos da experiência de cada um. Uma vez as tropas dele furaram-me o avião e aquilo foi mesmo mau, mas conseguimos aterrar. O Daniel Chipenda chegou a dizer-me: "Se por acaso eu morrer em Angola e não me quiserem lá, enterrem-me em Coimbra". Isto, dito por um emancipalista de um angolano, revela a relação que tínhamos. Aquela foi uma guerra quase civil, entre irmãos. No meu curso tive o Iko Carreira [primeiro ministro da Defesa de Angola, entre 1975 e 1980], que dormia na cama ao meu lado, na camarata. Havia uma certa relação... O Iko Carreira não foi apanhado pelas nossas tropas porque o protegíamos. Para o apanhar era preciso matá-lo e ninguém queria matá-lo. Por duas vezes ele esteve com a arma apontada. São histórias que não vêm na história. Era uma miséria total; gastei – gastou a Força Aérea – horas de voo a levar miúdos e pessoas doentes para os hospitais. As rações da Força Aérea eram melhores porque vinham da América. Enquanto os do Exército tinham sardinhas, umas latas difícilísimas de abrir - até se dizia de um problema que era quase tão difícil como abrir uma lata de sardinhas -, as nossas até tinham um bolo, uma espécie de queque que quase sempre dávamos aos miúdos das sanzalas. Dávamos uma grande assistência à população.

É estranho, ao mesmo tempo que se abate salva-se?

É. Mas toda a gente diz que viu atrocidades, abater civis, cabeças espetadas em troncos... Eu nunca vi e estive lá 12 anos. De uma maneira geral, o nosso soldado é um sentimental. Claro que é capaz de dar um tiro, tem de ser, mas nunca notei, e andei muito a pé, nenhuma barbaridade. Vi famílias enforcadas pelo MPLA [Movimento Popular de Libertação de Angola] e até um homem atado pela UNITA [União Nacional para a Independência Total de Angola] a um pau cheio de mel para as formigas o comerem vivo - estava praticamente morto quando lá chegámos.



créditos: Pedro Marques | MadreMedia

Fez muitas amizades com o inimigo?

Uma vez, no meio de uma tempestade, aterrei numa pista que encontrei para me safar. E estive uma noite à conversa com um comerciante local, que me acolheu e me contou que tinha filhos de africanas, como todo o bom português. E dois eram terroristas. Recebeu-me lindamente e, muito calmo, ao jantar contou-me aquilo. "Então mas você diz-me uma coisa dessas?", perguntei. "O que quer que lhe diga? A realidade é esta", respondeu. Em Teixeira de Sousa, que era uma cidade fronteiriça, sempre em ebulição, havia um hotel que era uma espelunca, pior que qualquer estalagem do antigo Bairro Alto, o Hotel Sepol. E Sepol era Lopes ao contrário, o que representava o espírito da cidade: era tudo ao contrário. Encontrávamos lá mercenários que vinham do Congo aviar-se... Tive grande amizades, tanto com brancos como com africanos. E tenho uma filha que nasceu lá, o cartão de identificação diz que é natural do Luache, que ninguém sabe onde fica.

FALTAVA ACEITAÇÃO POLÍTICA, MAS MILITARMENTE A GUERRA ESTAVA GANHA, AFIRMO ONDE FOR PRECISO.

Ouvi-o afirmar que a guerra estava ganha. Porquê tanta certeza?

A guerra estava ganha, não tenho a menor dúvida. Estou a falar de Angola, mas mesmo em Moçambique era possível e na Guiné as informações que tinha dos meus amigos militares era que a guerra não estava perdida, pelo contrário, havia mais oferta de africanos para as nossas forças do que para o PAIGC [Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde]. Devíamos ter aguentado mais uns tempos para dar uma independência decente a esses países, não era para manter o império. Uma independência civilizada. Faltava aceitação política, mas militarmente a guerra estava ganha, afirmo onde for preciso. O MPLA, que é hoje senhor, dono e ladrão de Angola, não existia. Até o Daniel Chipenda, um dos cabeças do MPLA, me confessou: "Estávamos para nos entregar" quando foi o 25 de Abril. O general Bettencourt Rodrigues [Ministro do Exército (1968-70) e governador-geral da Guiné (1973-74)] confinou a UNITA e eles colaboravam connosco e o FNLA [Frente Nacional de Libertação de Angola] tinha desaparecido. Posso dizer-lhe que fazia calmamente num Mercedes, com a minha mulher e filhos, 300 km até Henrique Carvalho, 600 km até Malange e depois outros 300 km até Nova Lisboa. Veja a confiança que eu tinha em como eles estavam derrotados.

Como vê hoje as relações entre Portugal e Angola?

Penso que são as relações entre pai [Portugal] e filho [Angola] desavindos. Entregámos Angola por influência, sobretudo, do Partido Comunista e depois Mário Soares entregou aquilo a quadrilhas. Mas é uma fase, quarenta ou cinquenta anos na história de um país não são nada. Vai normalizar. Porque ninguém consegue estar em África como nós. Tenho a experiência pessoal e posterior do Congo, onde os portugueses são tratados como congolezes, somos *l'enfants du pays*, filhos da pátria, e isso dá-nos uma vantagem fantástica.

Em relação a Angola fala de pai e filho desavindos. Angola quer sentir-se filho?

Angola tem a nossa cultura. Mas ainda hoje Angola corre o risco de se fragmentar, porque aquilo não é um país, é uma zona tribal. E isso é evidente nas mínimas coisas. Os angolanos entre si são tão diferentes como nós dos espanhóis ou como nós dos italianos. Os portugueses, bem ou mal, deram a Angola a estrutura de nação que procuram ter, mas com complicações. Quer queiram, quer não, falam a nossa língua, têm os nossos hábitos e eram a província ultramarina mais portuguesa, absorveram muito de nós.

A parte da corrupção também?

Também. Infelizmente também lhes demos exemplos desses e eles sabiam. Tinham a escola primária e evoluíram depressa. São autênticas quadrilhas, com a agravante de haver muito mais para roubar do que aqui, ninguém calcula. Uma das pessoas de que lhe falei estava numa zona de diamantes e sabia os rios, os canais, onde eles estavam. Uma vez só a pesquisa para ver se valia ou não a pena explorar uma mina justificou todo o investimento. Agora é que a canção do Zeca Afonso é aplicável: roubam tudo e não deixam nada. Lá e cá.



créditos: Pedro Marques | MadreMedia

Estava em Angola no 25 de Abril. Quando soube que tinha havido uma revolução?

Só soube do 25 de Abril uns dois dias depois, quando aterrei e o comandante me contou que teria havido uma zaragata para Lisboa. Quando me disseram que um dos mentores do golpe era o Costa Martins [fez parte do Conselho de Estado e foi ministro do Trabalho nos II, III, IV e V Governos Provisórios], que era do meu curso e fomos como irmãos, pensei: "Isto não pode ser a sério, estamos desgraçados!". Eu conhecia o Costa Martins de ginjeira, era bom piloto e muitas outras coisas, mas para aquilo não servia. Depois começaram a aparecer os outros todos...

Em que acreditou, então?

Pensei que isto ainda teria remédio. Nunca conheci o general Spínola, nunca o vi nem nunca trabalhei com ele, mas fiquei com uma péssima impressão, porque é preciso uma pessoa ser estúpida para acreditar no que ele acreditou, que era um salvador da pátria. Aconteceu-lhe o que aconteceu: teve de fugir, disfarçado de bigodes... Uma vergonha.

NÃO ÉRAMOS TONTOS E CONHECIAMOS A EVOLUÇÃO DO MUNDO, SABÍAMOS QUE AQUILO TINHA DE SER INDEPENDENTE, MAS NUNCA ME PASSOU PELA CABEÇA QUE UMA DESCOLONIZAÇÃO COM AQUELA DIMENSÃO (...) PUDESSE SER FEITA COMO FOI. FOI UMA TRAIÇÃO AO PAÍS.

Era impossível porquê?

Porque tínhamos de ser nós, que estávamos já em Angola, a ditar as condições da independência. Não éramos tontos e conhecíamos a evolução do mundo, sabíamos que aquilo tinha de ser independente, mas nunca me passou pela cabeça que uma descolonização com aquela dimensão, aquela população e a responsabilidade que tínhamos, pudesse ser feita como foi. Foi uma traição ao país. Volto a dizer que devíamos ter continuado a guerra, que estávamos à beira de a segurar. Havia lá portugueses que nunca tinham vindo a Portugal, como havia quem nunca tivesse ido a África e só lá tivesse interesses. E eram essas pessoas, a quem mandavam o dinheiro, que diziam que estava tudo perdido. Tínhamos de ter protegido tanto a população negra que era nossa como os brancos que lá estavam, os mulatos. Aquilo podia ter sido uma nação fabulosa, mas fomos vítimas de uma guerra fria.

Quando regressou a Portugal?

Vim em fins de 1975. Assisti em Luanda às guerras entre eles, canhões a atirar às arrecuas, a bombardear casas dentro da cidade. Aguentei enquanto foi possível. Mandei primeiro a família para Portugal e fiquei lá eu e o meu cão, um pastor belga, a quem tive de pagar depois uma viagem na TAP. Ainda viveu em Évora mais uns dez anos. Era um cão célebre, só lhe faltava falar. Dava-se com toda a gente e, como eu já não tinha família em Angola, quando voava tinha de o levar comigo. Enquanto o avião rolava na pista, ele, que gostava de andar de automóvel, estava bem, mas quando descolava o

Lord ficava quietíssimo. Quando aterrava era uma alegria enorme. Era um cão fantástico, nunca mais tive nenhum. Um amigalhaço.

E o que foi fazer, de regresso a Portugal?

Como era alentejano, colocaram-me em Beja, assim como quem diz agora não chateies a gente. Beja era uma base alemã, só lá tínhamos um avião. De maneira que fiz voos desportivos, fotografei todos os castelos que havia... Está a ver o que é uma pessoa vir de uma guerra, com voos a sério, e ter de fazer xis horas de voo pacífico obrigatórias. Juntei o útil ao agradável. Estive lá três anos e depois o general Lemos Ferreira [chefe do Estado-Maior da Força Aérea] chamou-me para o Conselho da Revolução. Disse-lhe que não tinha nem vontade nem vocação, mas ele insistiu. O Conselho da Revolução tinha, além dos conselheiros, três secretários-gerais: um da Marinha, um do Exército e um da Força Aérea, que era eu.

OS CONSELHEIROS ANDAVAM TODOS EM CARROS ROUBADOS – TINHA HAVIDO O PREC. O VÍTOR ALVES, DE QUEM EU ERA GRANDE AMIGO, ANDAVA NO CARRO DO BANQUEIRO JORGE DE BRITO [BANCO INTERCONTINENTAL PORTUGUÊS], QUE ERA UM CARRÃO, E OS OUTROS TAMBÉM

Qual era o seu papel?

O meu pelouro era o pessoal, tratava dos automóveis, dos escritórios e não tinha muito mais que fazer. Nunca mais me fardei, era tudo à paisana. E havia ali coisas, uma monumentalidade um bocado a atirar para o esquisito. Aquela gente convenceu-se de que eram os salvadores da pátria, tinham o poder todo ali concentrado. E não podia ser bem assim. Depois pagaram caro com a revisão da Constituição de 1982.

POR ISSO TIVE DE LIDAR COM CAVACO SILVA, QUE AINDA NÃO ERA A ESTRELA QUE VEIO A SER DEPOIS. E ELE TRATOU-ME MAL – EU ATÉ JÁ ERA MAJOR. NÃO GOSTEI.

Pode concretizar?

Os conselheiros andavam todos em carros roubados – tinha havido o PREC [Processo Revolucionário em Curso]. O Vítor Alves, de quem eu era grande amigo, andava no carro do banqueiro Jorge de Brito [Banco Intercontinental Português], que era um carrão, e os outros também, tudo em carros bons. Era do meu pelouro e eu achava mal os revolucionários andarem nos carros roubados aos fascistas. Afinal, estavam a fazer o mesmo que eles. Então resolvi renovar a frota do Conselho da Revolução, pedindo carros às armas. Uma das coisas que me impressionou, e me fez ficar com má impressão de Cavaco Silva, que era ministro das Finanças... Não está bem a ver o que lá ia parar e as pessoas que iam lá falar [ao Conselho da Revolução]. Como um velho democrata, socialista, a quem arranjaram um tacho de consultor no Conselho da Revolução e a quem tive de arranjar escritório. Eu tinha quarenta e pouco anos e ele mais de 80. Quando fui mostrar-lhe o escritório expliquei que depois lhe arranjaría mais uns sofás e diz-me ele: "Então arranje-me um canapé". "Um canapé?!", perguntei. "É que às vezes pode vir alguma rapariga visitar-me...", responde. Isto revela a ideia que ele fazia do Conselho da Revolução. Lá expliquei que não sabia se haveria canapés, que talvez tivesse que se contentar com uma cadeira... Coisas assim.

Voltando aos automóveis e a Cavaco Silva, resolveu a situação? E porquê a má imagem?

Nessa altura eu correspondia-me com os ministros por diversos motivos. Por exemplo, como era alentejano, não queira saber a quantidade de expropriados que vinham ter comigo a ver se lhes resolvia problemas, tudo à minha volta a ver se eu conseguia desenrascar as coisas. E eu fazia uns despachos, dava ao Sousa e Castro, e cheguei a corresponder-me com o António Barreto, que era ministro da Agricultura. Fui sempre bem recebido. No caso dos automóveis, não havia carros suficientes. No governo, no Ministério das Finanças - julgo que ainda é assim - havia um departamento que geria a frota do Estado. Por isso tive de lidar com Cavaco Silva, que ainda não era a estrela que veio a ser depois. E ele tratou-me mal – eu até já era major. Não gostei.



créditos: Pedro Marques | MadreMedia

Cavaco tratou-o mal em que sentido?

Bem, não me bateu, mas não queria que eu lhe aparecesse com problemas daqueles, que não era assunto para ele. Expliquei por que motivo era importante, mas respondeu-me sempre já com uma arrogância de político. Fiquei com uma péssima impressão do homem.

E tratou do assunto?

Tratei eu. Foram para lá uns Volkswagen em que depois ninguém queria andar, porque achavam que não eram grande coisa. Lá se arranjam uns carros melhores para os conselheiros e nós ficávamos com os de mais baixa gama. Mas, sobretudo, retiraram-se de circulação aqueles carrões, que ainda por cima era mau andarem por aí nas boîtes... Renovámos a frota para uma mais discreta e popular e resolveu-se assim o problema. Cada um com *chauffeur*, guarda-costas, secretária. Os militares não estavam preparados para assumir responsabilidades deste género. Quanto a mim, no fundo, no fundo eram loucos.

OS MILITARES NÃO ESTAVAM PREPARADOS PARA ASSUMIR RESPONSABILIDADES DESTE GÉNERO. QUANTO A MIM, NO FUNDO, NO FUNDO ERAM LOUCOS.

Como olha hoje para a instituição militar, em particular para a Força Aérea?

Os militares estão descredibilizados e caíram em desgraça, também por sua culpa, mas, sobretudo, por culpa dos políticos. Portugal não deu o devido valor às pessoas que combateram, mas no fim das guerras, sobretudo aquelas que se perdem, os militares ficam sempre malvistas pela população. Faz parte da história. Diziam que estávamos a enriquecer lá, que era por isso que queríamos continuar a guerra... Tudo mentira. E há um plano, eles sabem que desarticulando e desprezando as Forças Armadas elas perdem força, não vão interferir. Hoje não há nenhum coronel, nenhum comandante de uma unidade, que se atreva a trazer atrás de si dez soldados. O que quero dizer é que hoje não há qualquer possibilidade de se fazer uma revolução. A força está na Guarda Republicana, está na Polícia e há quartéis guardados por seguranças privados. Isto é admissível? O roubo de Tancos foi o quê? Não há tropa. E o uso das messes, das cantinas, para fazer *catering* privado é uma mancha na história da Força Aérea, mas em todo o lado há gente boa e gente má. Senti-me envergonhado. Sempre houve roubos: gasolina, sabonetes, papel higiénico, papéis para os filhos desenharem... Mas não eram milhões nem uma coisa organizada, eram uns bifes e umas galinhas para a família, para a sogra. A pirataria nunca chegou ao ponto em que está hoje.

O que o levou a escolher a Força Aérea?

Sempre gostei de aviões, mas achava que não tinha físico para ser piloto. Um dia fui experimentar e, afinal, tinha. E ainda apanhei aquela época romântica em que éramos todos amigos; se não tínhamos dinheiro para ir a casa no fim-de-semana, passávamos pela Ota e havia sempre alguém que emprestava. Estou afastado há muito tempo, mas estou convencido de que já não há a mesma camaradagem. E íamos para a Força Aérea para servir. Eu podia ter concorrido à TAP e nunca o fiz. Hoje os pilotos, não digo todos, vão tirar o *brevet*, que é caríssimo, à Força Aérea, financiam-se ali e depois vão embora. Isso não acontecia.

O que o levava a crer que não tinha físico para piloto?

Na altura dizia-se que os pilotos não podiam ter dentes cariados. Eu tinha e pensava que aquilo era eliminatório. Mas não, o único defeito que me encontraram foi uma dentada de um burro na perna, ainda tenho a marca.

Como aconteceu?

Na aldeia, eu tinha um burro. E um primo, ainda hoje somos muito amigos, tinha outro. Mas os burros não gostavam um do outro. Um dia o burro dele atirou-se ao meu e em vez de o morder, mordeu-me a mim, que estava montado nele. A dentada de burro é fortíssima, julguei que tinha partido a perna. Na inspecção da Força Aérea quiseram saber o que era aquilo, o médico nem sabia que os burros mordiam... Mas estava tudo bem, entrei para a Força Aérea e tive sorte com os instrutores que me atribuíram. Tive vários acidentes mas nunca fiquei mal, nem eu nem ninguém que ia comigo.



créditos: Pedro Marques | MadreMedia

Lembra-se de algum em particular?

Os acidentes que tive não foram tão maus como isso. Uma vez rebentou um pneu na descolagem e o avião saiu da pista e partiu-se. Eram pistas improvisadas e o mais aborrecido foi que tive de lá ficar 15 dias até me irem buscar. Era quase nas terras do

fim do mundo e demorou a arranjar um avião para lá ir buscar o avião e a tripulação, que era eu e o mecânico.

Isso já foi em África, depois de ter sido mobilizado. Mas não foi logo, foi?

Primeiro fui colocado como instrutor de pilotagem na Base Aérea de São Jacinto, em Aveiro, que era a base de instrução primária dos pilotos, onde estive três anos. Eu era alentejano, fiquei deslumbrado com a cidade, a água a correr ali pelo meio... Depois fui para Tancos fazer uma adaptação a outro avião e fui mobilizado para África; calhou-me Angola. Tive sorte, colocaram-me num sítio para onde ninguém queria ir, uma base ainda no início, só barracas, mas uma boa pista para aviões. A nossa área de voo era enorme e não havia GPS nem sequer cartas de navegação. Acabei por lá ficar 12 anos, levei para lá a família e era ali que tinha tudo organizado. E tive sorte outra vez, quer ver?

Conte...

Chamavam-me o Às do Leste da aviação, porque conhecia aquilo tudo de cor. O que não era verdade, foi um golpe de sorte. Certo dia foi à base um general, também piloto, mais novo do que eu sou agora, mas já velhote. Fui voar com ele, como segundo piloto, e como não dizíamos nada um ao outro deixei-me dormir. O homem perdeu-se e abanou-me para saber onde estávamos. Já tinha passado mais de uma hora e meia de voo e, numa extensão tão grande como a da Península Ibérica, olho para baixo e vejo um rio com três ilhotas ao meio. Era uma das minhas referências, de maneira que lá o fui orientando. Quando chegou a Luanda, o general foi dizer a toda a gente que eu era um fenómeno: ia a dormir, ele acorda-me e eu sabia onde estava. Nasceu um mito. A partir de então eu chegava a Luanda e punham-me mapas à frente: "Que sítio é este?" [risos] Eu repondia que não sabia, mas eles não acreditavam, pensavam que eu sabia tudo e fiquei com essa fama, que não correspondia bem à verdade. Era difícil orientarmo-nos, até por causa dos ventos que desviavam os aviões, e tínhamos de ir com muita atenção para não nos perdermos. Perder-se de avião não é a mesma coisa que perder-se de carro, mais meia hora de voo é o suficiente para a gasolina acabar e o avião cair.



créditos: Pedro Marques | MadreMedia

Quando o Conselho da Revolução acabou era ainda muito novo...

Quando saí do Conselho da Revolução pedi para passar à reserva, tinha 45 anos, mas tempo de serviço suficiente, porque fui para a Força Aérea muito cedo e em África o tempo de serviço contava a dobrar. Estive lá 12 anos, só de África tinha 24 anos de serviço. E decidi vir-me embora, porque naquela altura a tropa já não me dizia nada. Com a política, a interferência dos políticos, perdeu-se o espírito e tínhamos a noção do que ia acontecer, o estado em que estão as Forças Armadas. É um plano que estão todos a executar: esquerda, direita, centro. Nunca deixei de acreditar completamente que isto ia mudar, mas sabia que o caminho era muito difícil. Calhou à nossa geração o regresso a uma Europa que na cabeça dos nossos políticos estava à nossa espera de braços abertos. Mas não estava, estava, como está, à espera que a gente trabalhe para ganhar o pãzinho de cada dia. E hoje a União Europeia corre o risco de se desintegrar e se isso acontecer ficamos fora do baralho. Não temos nada. Concretamente, não temos nada.

Disse que esteve no Congo, já depois da guerra e do Conselho da Revolução. O que esteve lá a fazer?

Quando passei à reserva fiquei sem nada que fazer, em Évora. Num passeio a Sevilha, no hotel Los Lebreros, encontrei um africano todo bem-posto a falar um português correcto e, claro, meti logo conversa. Era de Moçambique e era bispo luterano, mas como era da facção da Joana Semião, uma activista, não podia regressar ao país. Ela foi morta e ele fugiu e estava ali a tirar um curso. Contei que tinha muitos anos de África e ele deu-me uma carta caso eu quisesse ir a Albertville, actual Kalemí. Meti-me num avião e fui. Kalemí tem o Lago Tanganica, uma das maiores reservas de água doce e onde há toda a espécie de peixes. Quando cheguei lá não havia ninguém a não ser dois gregos com um barquinho onde mandavam uns pretos pescar à noite. Eu tinha um documento da FAO [Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura] com tudo discriminado... Simpatizei com o bispo, o bispo simpatizou comigo, fizemos uma sociedade. E foi assim que fiquei sócio da Igreja Luterana, que tinha a Société Generale du Lac Tanganica.

Qual era o negócio?

Na altura em que o Cavaco mandou vender e queimar as traineiras em Portugal, consegui comprar em Setúbal duas traineiras, arranjar tripulação e lá foram pelo Mediterrâneo, passaram o Canal do Suez, aportaram e continuaram por uma linha de caminho-de-ferro que começa em Elizabethville, actual Lubumbashi, feita pelos chineses como alternativa ao nosso caminho-de-ferro, com receio que fosse cortado durante a guerra, o que nunca aconteceu. Como lhe disse, eu tinha os estudos da FAO e fui eu que sugeri comprar os barcos em Portugal. No comboio as traineiras iam nos vagões mais baixos, montadas ao contrário. Só que aconteceu um imprevisto: a meio caminho há umas pontes com ferros e a cabine dos barcos não passava. Está a ver o que é no meio de África ter duas traineiras num comboio que não passa nas pontes. Foi preciso voltar para trás e arranjar mecânicos para, com os mestres das traineiras, desmontarem tudo. Perdemos imenso tempo, estivemos quase um mês e meio naquilo. Mas lá chegaram a Kalemí e foram metidas dentro de água.

Ainda lá estão passados estes anos?

Vendi a minha parte nessa sociedade, mas as traineiras ainda lá estão a pescar, bem como as duas famílias que foram de Setúbal e estavam desempregadas. Os barcos chamavam-se Portugal e Setubalense. Ali pescava-se e não havia regras, só em Junho é que era proibido pescar por causa de uma formiga que sai dos formigueiros - eram formigueiros do tamanho de palmeiras, feitos com uma goma que parece ferro - e, aos biliões, atravessam o lago ao sabor dos ventos. Muitas caem na água e os peixes vêm comê-las, por isso é proibido pescar nessa altura do ano. De resto as redes vinham sempre cheias e como aquilo era da igreja luterana uma parte era para a população.

Ainda ontem recebi uma mensagem a perguntar quando é que lá volto. Respondo que isto foi há 30 anos, estou com oitenta e não quero morrer ali. A última vez que lá fui foi em 1992 ou 1993.

Foi nessa altura que visitou o Parque Nacional de Virunga, que inspirou o livro para crianças?

Sim, fui ao parque dos gorilas e estive à mesma distância que estamos, assim como se vê nos filmes. E foi aí que nasceu o livro. Vi e passei por coisas giríssimas, andava por lá de jipe com o bispo, de sanzala em sanzala. E fiquei com uma colecção de arte africana; não é artesanato, é arte comprada nos círculos deles.

O livro que está a escrever já tem título?

"A Grande Viagem de Maumude". Tem-me dado um trabalhão, mas há uma pleiade de historiadores agora na casa dos quarenta anos que é uma maravilha, tem uma nova perspectiva da História, mais real, sem endeusamentos, e isso tem-me ajudado na pesquisa. A nossa chegada ao Índico foi um choque de civilizações, nós estávamos muito atrasados. A civilização indiana e, sobretudo, a chinesa eram muito mais avançadas, até mesmo em humanismo. Não eram meninos de coro, mas nós éramos uns selvagens.

Ainda se interessa por política?

Sim, mas a política é uma desilusão. A imagem que tenho é a de um cano de esgoto que se abriu e de onde saem ratazanas, que tomaram conta disto. É um edifício tomado por ratazanas.

Há tratamento?

Muito difícil, porque não é só um fenómeno nosso, é mundial. Veja o Brasil, Israel... Perderam-se os objectivos e uma certa ética. Mas isto não vai lá com revoluções, só vai lá com a evolução. Sou contra revoluções, veja a tragédia que foi a Revolução Francesa, que toda a gente diz que foi uma coisa bestial, mas que foi o início de uma época tremenda, que ainda estamos a viver. Pode parecer blasfémia, mas é verdade. O que precisamos é de evoluir, de resgatar valores. Olhe, outro dia fui a Serralves, entrei numa sala e estava uma lâmpada pendurada e um escadote por baixo. O meu primeiro pensamento foi: o electricista esqueceu-se do escadote. E é chato, num museu. Vou ver e o escadote era a própria obra. Mas era um escadote normalíssimo... É de mais! Enfim, calhou-nos a nós esta fase mais difícil, temos de a viver. Mas isto vai melhorar.